

Entrevista

Wilson do Nascimento Barbosa¹:

“História, Cultura Negra e Luta Antirracista no Brasil”

-
1. Professor, o Sr. fez parte de uma geração importante de intelectuais ligados ao movimento negro, pós-Ditadura Militar, que contou com Joel Rufino, Clóvis Moura, Henrique Cunha Jr., Nei Lopes, Lélia Gonzalez e outros. Não cito Abdias ou Guerreiro porque são de uma geração anterior. Como o Sr. vê, hoje, o legado desta geração dos anos 80 para a luta anti-racista no Brasil?

Na verdade, a minha geração começou a lutar lá nos anos 60, sob influência do Abdias, do Solano Trindade, do Pompílio da Hora, entre outros. Veja o exemplo do Grupo Quilombo, aqui em São Paulo. Penso que o legado da minha geração são os textos deixados pelos membros dela mais notáveis, como o Joel, e a experiência consolidada em instituições influenciadas pelo Movimento Negro de então, o MNU, através de pessoas como a Lélia, o Mestre Moraes, a Luiza e tantos outros.

2. Muitos dos seus trabalhos tratam da questão da *ginga*, como elemento chave da matriz afro-negra, o Sr. poderia comentar um pouco sobre este assunto particular.

A minha provocação com o tema da *ginga* foi uma tentativa de contribuir para desmitificar a tábua rasa da igualdade cultural, com achincalhar do tipo de pensamento pré-lógico, etc. O negro, o indígena e seus descendentes têm uma cultura tão complexa como qualquer outro grupo. Somente que sua cultura é mais forte que a cultura classista, porque expressa uma abordagem – e elaboração – que ainda são coletivas. Isso pode ser tratado metodologicamente sobre cada plano da

¹ Professor titular de História Econômica no Departamento de História da FFLCH-USP. Especialista em Cultura Negra no Brasil e autor de vários textos na área entre eles o livro *Cultura Negra e Dominação*, Editora Unisinos, 2006.

investigação histórico-social. Portanto, escolhi o exemplo da ginga para avacalhar os avacalhadores da cultura alheia.

3. Em artigo recente para *Sankofa*², o Sr. interpretou a subalternização do negro como um problema estrutural das relações de poder que formam a sociedade brasileira, quais são os caminhos para reverter esta construção histórica?

Cada vez mais eu me convenço que o negro precisa tomar um pouco de vergonha na cara e criar um partido político que lute pelos direitos civis dos negros e dos indígenas. Eles – indígenas e negros – não vão conseguir nada bancando os bonzinhos e pegando migalhas.

4. Professor, como era a perspectiva do movimento negro nas décadas de 1970/1980/1990 a respeito do papel das religiões afro-brasileiras na luta anti-racista? A visão dos religiosos é que o movimento não dava a devida importância à questão religiosa. Seria assim? Por quê?

É esse o problema. Os jovens negros passam uns aninhos na Universidade e aderem de toda à ideologia social da dominação européia. Eles se tornam fascistas, liberais ou criptossocialistas – porque ser socialista de verdade custa o couro – e passam a desprezar os valores da cultura dos seus avós, porque tais avós não sabiam ler nem escrever, ou não produziram artefatos religiosos em dourado ou em ouro. Eles não realizaram a travessia, que é a única experiência mental de fazer-se retornar à África e às comunidades negras espiritualmente. Ao pensar que podem resolver tudo politicamente – negociando com os senadores que relatam as comissões racistas – o que fazem é ir para o buraco, caminhar para o esquecimento.

O desprezo do negro pela religião negra revela apenas alienação, subalternidade e ignorância. Trata-se de um negro que sofreu a lavagem mental dos brancos e ainda não se recuperou de tal trauma.

² Wilson do Nascimento BARBOSA. **A Discriminação do Negro como Fato Estruturador do Poder.** *Sankofa*, Ano II, Nº 3, junho/2009.

- 5. Nas últimas décadas fortificou-se um viés de análise à cultura negra brasileira em que a busca da Matriz Africana tornou-se o eixo de muitas pesquisas. Qual o sentido dessa busca? Quais as implicações políticas e de compreensão à cultura brasileira ela coloca?**

Não basta para quem é negro estudar a África e a história do negro brasileiro e entender tais temas desde uma metodologia das ciências sociais. O negro deve aproveitar esta oportunidade como um banho cultural de africanidade, de retorno mental e restauração psicológica de sua própria identidade. Por isto, o estudo da África e da Cultura reveste-se para a comunidade negra de um componente identificador, de um componente libertador, enquanto que para o branco trata-se apenas de mais uma disciplina no currículo. Assim, a cultura brasileira deve ser estudada em sua dimensão africana e indígena como uma atuação dramática, porque ela se constitui de algo vivo. É preciso criar peças de teatro nas escolas, fazer música, afro-indígena, etc, transformando tal ensino em processo construtivo de brasilidade, como queria, por exemplo, Vila Lobos.

- 6. Professor Barbosa, quais os maiores desafios para a construção de uma história antirracista do Brasil? Teórico-metodológicos? Políticos? Ideológicos?**

Os maiores desafios são políticos e ideológicos. Os negros – e indígenas – devem parar de rastejar ante o poder político. Eles são Sapiens, não precisam andar curvados diante de cada advogadozinho ou jornalista do poder. Só um negro com coragem e astúcia política pode construir uma sociedade antirracista. Para fazê-lo ele não pode ser um tipo de branco.

- 7. Acerca do multiculturalismo professor. O Sr. acredita que o multiculturalismo deveria implicar diferentes concepções paradigmáticas de saber, ou apenas contribuições diversas, dentro do paradigma ocidental de pensar?**

Eu acho o ocidentalismo um lixo. Mas, de certa forma, ele nasceu na África, há muito anos, no Egito helenístico. Podemos botar na conta dos avós de Cleópatra, de Moisés ou de Salomão. É importante defender o multiculturalismo porque o mundo é de fato multicultural, debaixo de um viés de opressão e negação

do Outro. A multiculturalidade não pode ser reduzida a uma estratégia de grupo, ou a uma visão cultural ocidental.

- 8. No pensamento social brasileiro, a discussão sobre relações raciais no Brasil, entre os anos 1950-80, esteve direcionada para a compreensão da dicotomia raça (sentido sociológico)-classe. A partir de fins dos anos 1980, ela parece estar mais preocupada para a relação raça (ou etnia)-cultura. O que o Sr. acha que se ganhou e o que se perdeu neste redirecionamento?**

Nem se ganhou, nem se perdeu. Esta questão apenas começa a ser discutida. O cientista social branco, em geral, é uma criatura de apartamento que descende dos plantadores de cana (proprietários da cana...) ou de imigrantes que vieram “vencer na vida”. Na verdade, consideram negros e indígenas como infra-humanos, seus inferiores, que devem ser tratados ora com firmeza (chumbo...) ora com pena (bolsa-família...). E o afro-indígena? Ele é o lado prático da vida. Ele é o quilombola sem noção do Complexo do Alemão, é o governador do Estado que manda liquidar tal quilombola, é o policial que faz a matança e é o morador e trabalhador que sofre na mão dos dois.

Como vê, falta a consciência de uma parte, justamente a parte que está com a faca e o queijo na mão. Diante desses fatos político-ideológicos, o debate acadêmico é apenas um instrumento da dominação, praticamente uma serra sem dentes... Ele vai para aonde as coisas vão e o negro ainda não foi no Brasil a lugar nenhum.

- 9. O Sr. é um notório especialista em História Econômica. Desta perspectiva, quais as principais questões a serem levantadas e respondidas diante do problema do negro na história do Brasil?**

Sou mais um especialista do que notório. Do ponto de vista da história econômica, ressalta-se: (a) a continuidade da baixíssima renda para negros e seus descendentes; (b) a redução contínua do espaço material para a cultura e a propriedade afro-indígena, entendida pelo poder como uma inconveniência; (c) a exclusão sistemática do afro-indígena de todos os mecanismos de poder, seja político, seja social, seja econômico. A criminalização dos atos do Outro (do negro e do indígena) tem por finalidade por impedir que ele receba a proporção de propriedade que lhe é devida societariamente (aproximadamente 52% de tudo). Em

compensação, esta parcela tem sido cedida ao estrangeiro. Trata-se do mais puro colonialismo.

10. Professor, já se falou e se fala muito do problema do negro brasileiro, mas qual é o problema do branco brasileiro? Se é que ele existe.

O problema do branco brasileiro é que ele é um europeu exilado no Brasil. Sente-se cercado por todos os lados, de uma cultura que não quer reconhecer. Por isto, importa constantemente seus valores desde as metrópoles ocidentais. No entanto, o único lugar que estas metrópoles lhe concedem é o lugar de um intermediário de uma sociedade periférica, qual seja, afro-ameríndia.